A LITERATURA INFANTIL E SEUS BENEFÍCIOS NA SALA DE AULA

MARIA GORETI DE SOUZA RABELLO DA SILVA

RESUMO
A literatura infantil é uma ferramenta poderosa que pode trazer inúmeros benefícios para a sala de aula. Ao introduzir histórias envolventes, personagens cativantes e mundos imaginativos, os professores têm a oportunidade de estimular a imaginação e criatividade das crianças, ao mesmo tempo em que desenvolvem habilidades linguísticas e cognitivas. Ao explorar contos de fadas, fábulas, poesias e outros gêneros literários destinados aos pequenos, os educadores podem promover não apenas o gosto pela leitura, mas também o desenvolvimento da empatia e da compreensão emocional. As histórias infantis muitas vezes abordam temas complexos de uma maneira acessível para as crianças, ajudando-as a compreender melhor o mundo ao seu redor e a lidar com suas próprias emoções. Além disso, a literatura infantil pode ser uma ponte para discussões significativas em sala de aula. Por meio das histórias, as crianças podem explorar questões éticas, morais e sociais, desenvolvendo seu senso crítico e capacidade de reflexão. As narrativas também podem inspirar atividades criativas, como dramatizações, produção de textos e ilustrações, estimulando a expressão artística e a colaboração entre os alunos. Portanto, a literatura infantil desempenha um papel fundamental no processo educativo, proporcionando não apenas entretenimento, mas também aprendizado significativo e enriquecedor. Ao incorporar essas narrativas na sala de aula, os professores podem contribuir para o desenvolvimento integral das crianças, preparando-as para se tornarem leitores críticos, criativos e empáticos.

PALAVRAS-CHAVE: Emoções; Leitores Críticos; Reflexão.

INTRODUÇÃO

A educação infantil é uma etapa muito importante no desenvolvimento de uma criança. Nesta fase, a aprendizagem é contínua e a criança é continuamente exposta a um mundo que não só é cheio de descobertas, magia e feitiçaria, mas também cheio de regras. Começam a cumprir suas responsabilidades e a se descobrirem como indivíduos na sociedade. Todas as lições aprendidas nesta fase da escola refletirão ao longo de suas vidas, cabendo ao professor tornar esse processo divertido, prazeroso e significativo, ajudando a garantir que seu impacto futuro seja positivo e contribua para a vida dessas pessoas. O desenvolvimento infantil é um processo que inclui vários aspectos, desde a concepção até o crescimento, fisicamente, através do amadurecimento neurológico, comportamental, cognitivo, social e emocional da criança.

Este desenvolvimento é mais significativo durante o primeiro ano de vida, pois é nesse período que ocorre o desenvolvimento mais intenso das redes neurais responsáveis pelas competências e habilidades humanas. A esse respeito, Evânia Reichert (2011, p. 35) observa que os neurocientistas afirmam que, durante os primeiros três anos de vida, a produção de sinapses aumenta significativamente. Como resultado, os cérebros das crianças tornam-se muito densos e contêm o dobro de sinapses que necessitarão no futuro e como sabemos, as sinapses são conexões entre neurônios. Sobre este tema, a Organização dos Estados Americanos (OEA), Departamento de Educação e Cultura, afirma em seu estudo “Primeira Infância: Uma Perspectiva Neuroeducacional” que “os primeiros anos de vida são críticos para o desenvolvimento vital do ser humano. '' conclui. Porque nesta fase temos genética e experiência. “O ambiente traça o perfil da estrutura do cérebro e molda o comportamento humano” (OEA, 2010, p. 07).

Os livros são, portanto, aliados nos mais diversos aspectos do processo de ensino e aprendizagem. Ao mesmo tempo, a literatura tem provado ser um recurso para lidar com questões por vezes difíceis como o preconceito, o medo, a separação dos pais e até a morte. Quanto mais precoce for o primeiro contato com o mundo da literatura e o hábito da leitura, maior será a contribuição para o futuro leitor. (ROCHA, 1987).

Muitas crianças não têm motivação para ler em seu ambiente doméstico, portanto, a tarefa do professor é apresentar às crianças o maravilhoso mundo dos livros e garantir que a literatura infantil apoie o processo de desenvolvimento do leitor. De acordo com Ferreira e Díaz (2002), "a própria sociedade espera esta atitude das escolas ao introduzir as crianças no mundo da literatura". No entanto, os mesmos autores alertam que os adultos "têm um papel a desempenhar na orientação das crianças, e como guias e apoios na sua aprendizagem, eles têm um papel a desempenhar na orientação das crianças". Este apoio deve ser gradualmente eliminado à medida que a criança se torna um utilizador independente da linguagem escrita". (FERREIRA; DIAS, 2002, p. 40). Em outras palavras, as escolas também devem ensinar aos futuros leitores a autonomia para lerem histórias por conta própria.
O educador necessita empregar uma variedade de recursos em sua prática pedagógica, já que é por meio deles que ocorre a sua intervenção, adotando as estratégias necessárias e desenvolvendo suas próprias abordagens no dia a dia da sala de aula para atingir os objetivos estabelecidos.
De acordo com Soares (2019, p.78):

As práticas e estratégias derivam desse entendimento e conhecimento. Essa base concede ao professor a capacidade de criar suas próprias abordagens e estratégias, decidindo como instruir aqueles a quem leciona, ou permitindo-lhe selecionar, dentre as práticas e estratégias propostas por manuais didáticos, colegas e diversas outras fontes, aquelas que se baseiam em um entendimento sólido dos processos de aprendizagem dos alunos.

Conforme afirma Silva (2003):

Esta leitura compartilha conhecimento meteorológico com o lavrador; ao médico, oferece informações para o diagnóstico, por vezes mais confiáveis que os do laboratório; ao marinheiro, revela a orientação das rotas e dos ventos; e a toda a humanidade, transmite ensinamentos sobre convivência. Ao empregar essa capacidade de interpretar o universo, influenciada pela singularidade de cada indivíduo, o leitor se envolve com o texto, buscando decifrar seus enigmas e símbolos. A compreensão do mundo, como Paulo Freire salientou acertadamente, antecede a interpretação mecânica e deve ser integrada a ela. (SILVA, 2009, p. 33)

A derradeira modalidade de leitura é reconhecida como leitura reflexiva. De acordo com Silva (2009, p. 35):

Esta forma de leitura integra a leitura mecânica e a leitura de mundo de maneira crítica, permitindo a formulação de perguntas e incertezas enquanto se lê, de modo a possibilitar que o aprendiz tire suas próprias conclusões ao final. Alcançar essa forma de leitura não é simples, exigindo um vasto conhecimento por parte do leitor, mas é uma capacidade ao alcance de todos.

Para desempenhar o papel de mediador, o professor necessita, em primeiro lugar, ser um leitor ativo para formar outros leitores.

A IMPORTÂNCIA DE OUVIR HISTÓRIAS
Ao ouvir narrativas, as crianças expressam uma variedade de emoções, como felicidade, temor, melancolia, entre outras. Essas vivências fundamentam suas interpretações e opiniões sobre o que foi lido, enriquecendo seus repertórios de conhecimento que as ajudarão a se tornar indivíduos independentes em seus pensamentos. A literatura desempenha, assim, um papel crucial no desenvolvimento cognitivo das crianças.
Abramovich (1997, p. 24) destaca que "escutar histórias é vivenciar um momento de doçura, prazer e diversão dos mais agradáveis... é encantamento, maravilhamento, sedução...". Essa prática de contar e ouvir histórias não deve se restringir apenas ao ambiente escolar, com os professores, mas também deve ser incorporada às rotinas domésticas, envolvendo os pais. Ao ouvir e manusear livros, a criança despertará um interesse que contribuirá para sua formação como leitor e oferecerá uma visão mais ampla do mundo ao seu redor.
Zilberman (2003) compartilha das ideias de Abramovich, especialmente no que se refere ao papel do professor. O educador leitor não é apenas alguém alfabetizado, mas alguém

que sabe aproveitar uma ampla gama de leituras, como jornais, revistas, bulas de remédio, romances, quadrinhos, entre outros, e que sabe transmitir isso aos seus alunos com entusiasmo, demonstrando prazer e compreendendo o que motiva seus alunos, a fim de aplicar estratégias literárias mais eficazes.

Para exemplificar essas discussões na prática, alguns pesquisadores, como Simplício (2015), conduziram e descreveram atividades que envolviam o uso de contos infantis com alunos do ensino infantil. Entre as narrativas, a autora utilizou a conhecida história da Chapeuzinho Vermelho em uma das oficinas.

Ela optou por contos de fadas, pois um dos objetivos é ensinar que "... a vida muitas vezes é desconcertante para a criança, que precisa ainda mais que lhe seja oferecida a oportunidade de compreender a si mesma nesse mundo complexo com o qual deve lidar. Para isso, ela precisa de ajuda para dar sentido coerente ao turbilhão de sentimentos. Ela precisa de ideias sobre como organizar seu mundo interior e, com base nisso, criar ordem em sua vida. Ela precisa de uma educação moral que, de forma sutil, a guie para os benefícios do comportamento moral, não por meio de conceitos éticos abstratos, mas do que parece concretamente correto e, portanto, significativo" (BETTELHEIM, 2007 citado por SIMPLÍCIO, 2015, p. 42).

Durante as atividades, Simplício (2015) utilizou marionetes de dedo para contar a história para a turma. De forma dramatizada, as crianças foram encorajadas a recontar a história juntas, cada uma interpretando seu personagem. Essa atividade foi realizada para que pudessem criar situações imaginativas que se alinhassem com os personagens da história, contribuindo para a formação de um indivíduo complexo, que integra emoção, cognição e imaginação. Além disso, a dramatização é crucial para o desenvolvimento emocional e social dos alunos, permitindo que experimentem como diferentes tipos de indivíduos da sociedade se relacionam entre si.

Por meio dessa atividade, a autora identificou claramente os processos imaginativos dos alunos. Foi notada a facilidade com que os alunos encenavam as histórias, possivelmente devido ao conto de fadas ser amplamente conhecido globalmente e provavelmente já ser familiar aos alunos por outros meios, mas também demonstrando suas habilidades em acrescentar novos elementos à história através da imaginação.

Ouvir histórias é uma experiência muito prazerosa e intriga pessoas de todas as idades. Quando os adultos ouvem boas histórias e se divertem com elas, a imaginação das crianças fica mais rica, então elas ficam mais interessadas e se divertem também. A leitura em voz alta faz parte da vida das crianças desde a infância, por meio de vozes amorosas, palavras de conforto e canções de ninar, que mais tarde darão lugar a canções de ninar e contos sobre crianças, animais e natureza. Aqui até as crianças muito pequenas demonstram interesse pela história, batem palmas, riem, assustam-se e imitam as personagens. Nesse sentido, ouvir muitas histórias desde cedo é importante para o crescimento da criança.

A primeira exposição de uma criança aos textos ocorre oralmente, quando seu pai, sua mãe, seus avós ou outra pessoa lhe contam diversas histórias. Elas adoram ouvir a história da sua vida nesta fase, ouvir sobre como nasceram e o que aconteceu com elas e com as pessoas de suas famílias. À medida que crescem, podem escolher as histórias que querem ouvir e as partes das histórias que mais gostam, e então, a história torna-se gradualmente mais longa e detalhada.

A literatura infanto-juvenil sempre foi um dos espaços de formação por excelência e um mecanismo de adaptação das crianças ou jovens ao contexto social; o que torna impossível dissociar a dimensão acadêmica da socioemocional. Por isso, diz que a construção da identidade pessoal, social e cultural está oculta nos textos da literatura infanto-juvenil. Esse tipo de livro é reconhecido como "as primeiras manifestações estéticas e criativas (orais ou escritas) por meio da linguagem a partir das quais o indivíduo acessa a cultura de seu grupo" (MENDOZA & FILLOLA, 1999, p. 12). O valor da literatura infanto-juvenil é dado por seu potencial de estimular a imaginação e a curiosidade, compreender melhor as experiências de

vida e reconhecer comportamentos, emoções e dilemas humanos na vida e formas de resolver conflitos.

A literatura fala e reflete com palavras e imagens sobre o ser humano, nos permite ver com os olhos dos outros e de diferentes perspectivas como as pessoas podem se sentir, a forma como valorizam os acontecimentos da vida, os recursos com os quais enfrentam os problemas ou o que significa seguir ou transgredir as regras.

Dessa forma, a literatura infanto-juvenil é uma fonte de socialização. Cada pessoa, pelo fato de se integrar e pertencer a uma cultura, deve ter um conhecimento prévio que a ajude a assimilar o modo de vida desse ambiente e a atender aos acordos que são construídos para a vida pessoal e social. Isso implica praticar um tipo de existência: um modo de ser e estar no mundo.

Esse conhecimento prévio implica também uma leitura dos contextos históricos que marcam marcos de transformação e reconfiguração social para nações e culturas; Saber de onde viemos e entender por que estamos em um determinado aqui e agora nos permite nos reconhecer como um coletivo no presente e nos projetar no amanhã. Além disso, o conhecimento de nossa história nos permite valorizar os encontros interculturais, onde quer que haja fenômenos de interação entre grupos que são interdependentes, ou seja, há afetação mútua. Pensemos, por exemplo, em como as realidades que determinam a violência, o conflito armado ou o desenraizamento têm efeitos não só nas áreas distantes das grandes cidades onde esses eventos acontecem, mas também nas próprias capitais.

Uma revisão da produção científica em torno da literatura infanto-juvenil mostra um número significativo de estudos, definições e referenciais conceituais e teóricos, especialmente a partir do final do século XX e início do século XXI. Entende-se que as salas de aula universitárias são essenciais na formação de profissionais que incentivam o uso da leitura, da escrita e da ilustração infantil, não só daqueles que são formados como pedagogos, mas também daqueles que têm potencial para utilizar, para fins didáticos e terapêuticos, esse tipo de texto (Silva-Díaz, 2000).

O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE UTILIZANDO A LITERATURA INFANTIL

A arte de contar histórias é uma ferramenta poderosa no desenvolvimento da oralidade em crianças. A literatura infantil, repleta de narrativas cativantes e personagens fascinantes, proporciona um terreno fértil para cultivar habilidades verbais e expressivas nos pequenos ouvintes.

Ao serem expostas a contos e fábulas, as crianças não apenas mergulham em mundos imaginários, mas também são incentivadas a absorver vocabulário diversificado, aprimorar a capacidade de articulação de ideias e a desenvolver a habilidade de narrar suas próprias histórias.

Por meio da interação com contos clássicos e contemporâneos, os pequenos aprendem a entoar, entusiasmar e dar vida às palavras, tornando-se confidentes em expressar suas emoções, pensamentos e experiências de forma oral. A prática da contação de histórias não só fortalece a ligação emocional entre o contador e o ouvinte, mas também estimula a criatividade e a imaginação das crianças, incentivando-as a explorar novas formas de comunicação e expressão.

Dessa forma, ao introduzir a literatura infantil como uma ferramenta para o desenvolvimento da oralidade, os educadores e pais não apenas enriquecem o repertório cultural das crianças, mas também constroem alicerces sólidos para uma comunicação eficaz e confiante, preparando os pequenos para se tornarem contadores de histórias habilidosos e comunicadores proficientes em um mundo cada vez mais interconectado.

Diante do que foi exposto até aqui, podemos dizer que a literatura ocupa um espaço irreal na vida de seus sujeitos, pois tem o poder de nos fazer viajar no tempo, no espaço e até em mundos completamente imaginários. Dessa forma, pode-se dizer que é possível ressignificar uma história e transmiti-la oralmente a outras pessoas por escrito. Nesse caso, o desenvolvimento da linguagem oral é uma etapa importante na aprendizagem. Os professores podem usar o ditado como recurso de ensino, pois conecta diferentes áreas do conhecimento, assim, será aberto um importante espaço para a contação oral de histórias, a roda de audição de palavras,

onde a criança poderá compor frases oralmente, reconstituir histórias que ouviu ou vivenciar e dar novos significados por meio da criatividade (BUSATTO, 2010).

Os professores podem ajudar as crianças que têm dificuldade nas atividades conversando, contando e lendo histórias na sala de aula. Além de estimular recontagens e experiências do cotidiano, bem como a respectiva ativação no processo de ensino e aprendizagem, utilizando o ditado como ferramenta para a prática docente.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018, p. 78) afirma em seu texto que o âmbito da fala oral "inclui as práticas linguísticas que ocorrem em situações orais, com ou sem contato pessoal". Isso não apenas torna as aulas mais emocionantes, mas também incentiva os alunos a participarem ativamente e a participarem por meio de aulas de diálogo e discussão que podem ser vinculadas aos enredos da literatura infantil. A BNCC (2018) explica que para transmitir oralmente um texto escrito é necessário considerar o contexto em que ocorre esse tipo de atividade, acima de tudo, cinemática. Em vez de serem estáticos, estes elementos estão em movimento, dando vida ao texto falado com expressões físicas que falam com a linguagem. Para Zilberman (2003), são as relações cotidianas que existem em nossa realidade que as crianças não têm maturidade suficiente para compreender por si mesmas. Por esta razão, as crianças necessitam da intervenção de um adulto. Isso ocorre porque as crianças se refletem através dos adultos e a literatura infantil promove uma forma de comunicação mais estruturada.

Através da imaginação, as crianças vivenciam novas possibilidades e situações diferentes que nunca vivenciaram fora do maravilhoso mundo da literatura. Portanto, em linha com o argumento de Coelho (1986, p. 27), pode-se dizer que a literatura infantil é:

Principalmente literatura; ou melhor, é uma arte, um fenômeno de criatividade, expressando o mundo, as pessoas e a vida através das palavras, conectamos sonhos e realidade, imaginação e realidade, ideais e a possibilidade e impossibilidade de sua realização.

É possível influenciar indiretamente a aprendizagem e o desenvolvimento dos primeiros modos, gestos e comportamentos de leitura como uma prática histórica, discursiva e culturalmente constituída. A literatura infantil tem o poder de cativar os leitores, trazendo possibilidades criativas para desenvolver a leitura e seu entendimento. Ao serem expostas a obras literárias elaboradas especificamente para sua faixa etária, as crianças concretizam seus anseios, ampliam seus horizontes e inspiram alegria, diversão e, claro, muito aprendizado.

A escola, como instituição de ensino, desempenha um papel crucial na alfabetização e no desenvolvimento das habilidades de leitura das crianças. É fundamental que a escola disponibilize recursos adequados, como livros, materiais didáticos e acesso a uma biblioteca bem equipada, que estimulem e promovam o gosto pela leitura desde cedo.

Além disso, a participação dos pais e responsáveis é igualmente importante. O apoio e envolvimento ativo dos adultos no processo de aprendizagem das crianças em casa complementam e fortalecem o que é ensinado na escola. Os pais podem criar um ambiente propício para a leitura em casa, dedicando tempo para ler com as crianças, fornecendo livros adequados à idade e interesses dos pequenos, e incentivando práticas de leitura regulares.

A parceria entre a escola, os pais e os responsáveis desempenham um papel fundamental no êxito do processo de alfabetização e na formação de leitores ativos. Quando essas partes colaboram de maneira cooperativa e comprometida, as crianças têm mais chances de aprimorar suas habilidades de leitura, expandir seu vocabulário, estimular a imaginação e adotar a leitura como uma atividade prazerosa e enriquecedora.

Silva (2009, p. 136) declara que "Ao ponderar sobre a literatura direcionada aos mais jovens, é essencial considerar o seu público-alvo: a infância". A autora salienta que até o século XVII, as crianças compartilhavam o mesmo espaço que os adultos, não havia uma esfera exclusiva para os pequenos, tampouco uma atenção específica voltada a eles. Gregorin Filho (2009, p. 38) também menciona que "A infância não era vista como um estágio de formação individual; a criança era encarada como um adulto em escala re-

duzida [...]".
Nesse contexto, a literatura destinada a adultos e crianças era uma só; não havia uma segmentação literária que considerasse as necessidades infantis. A formação da infância não era vista como algo essencial; o que diferenciava o acesso à leitura era a posição social. Enquanto as classes privilegiadas tinham acesso aos grandes clássicos literários, as camadas mais populares se deparavam com a tradição oral, como salienta Gregorin Filho (2009):

Os indivíduos das classes mais abastadas se dedicavam à leitura dos renomados clássicos literários, orientados por seus progenitores e tutores; já as crianças das classes menos favorecidas não tinham acesso à escrita e à leitura, e assim, eram envolvidas por uma literatura transmitida oralmente e preservada pela tradição de seu povo, compartilhada entre os adultos (GREGORIN FILHO, 2009, p. 38).

De acordo com Coelho (1991, p. 56), a literatura voltada para crianças surge na França, na segunda metade do século XVII, durante o reinado de Luís XIV, conhecido como Rei Sol, que demonstrava preocupação com a produção literária direcionada aos pequenos. Esta forma de literatura, que enaltece a fantasia e a imaginação, foi construída a partir de textos da antiguidade clássica e das narrativas transmitidas oralmente entre os povos.
Segundo Silva (2009), a literatura infantil teve início com Fenélon (1651-1715), que buscava educar moralmente as crianças. Seus escritos apresentavam uma estrutura dualista, pautada no confronto entre o bem e o mal, com o propósito de servir de modelo para que as crianças pudessem discernir o que seria correto. Ainda que Fenélon tenha dado os primeiros passos nessa direção, foi Charles Perrault quem se consagrou como o progenitor da literatura infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, identificamos resultados no desenvolvimento da atividade de fala, por meio de literatura e atividades de realce sonoro. Pronunciar o próprio nome também pode ajudar os alunos a apreciar e vivenciar a rima e o ritmo, onde os professores podem explorar com os alunos a capacidade dos alunos de reconhecer os sons contidos nos fonemas, o que contribui tanto para a alfabetização quanto para a aprendizagem.
A literatura desempenha um papel transcendental no crescimento e na formação das crianças, oferecendo muito mais do que simples histórias para serem lidas. Ela é uma poderosa ferramenta que molda mentes, corações e perspectivas, influenciando profundamente o desenvolvimento infantil.
Ao explorar as páginas de livros e mergulhar em narrativas envolventes, as crianças embarcam em jornadas de descoberta, aprendizado e autoconhecimento. A literatura não só estimula a imaginação e a criatividade, mas também fortalece habilidades cognitivas essenciais, como a compreensão, a empatia e a resolução de problemas.
Além disso, a literatura é um espaço seguro e acolhedor onde as crianças podem explorar uma miríade de emoções, identificar-se com personagens diversos e compreender melhor a complexidade do mundo ao seu redor. Essas experiências literárias não apenas enriquecem o vocabulário e a comunicação das crianças, mas também promovem valores fundamentais, como a diversidade, a inclusão e o respeito mútuo.
Ao cultivar o hábito da leitura desde cedo, estamos investindo no futuro das crianças, capacitando-as a se tornarem cidadãos críticos, criativos e compassivos. A literatura infantil não é apenas uma fonte de entretenimento, mas sim uma poderosa aliada no processo de crescimento e aprendizado, preparando as crianças para enfrentar os desafios do mundo com sabedoria e compreensão.
Em última análise, a literatura não apenas enriquece as mentes jovens, mas também nutre os corações, inspirando sonhos, alimentando a imaginação e construindo pontes entre as experiências individuais e universais. Que possamos continuar a valorizar e celebrar o poder transformador da literatura na jornada de crescimento e descoberta das crianças, guiando-as rumo a um futuro repleto de possibilidades e oportunidades infinitas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 5 ed. São Paulo: Scipione, 1999.

ALMEIDA, Maria das Graças Queiroz. A construção do gosto pela leitura: uma contribuição pedagógica para a formação de leitores. 2008. 61 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2008. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/ BR-SlFE/30. Acesso em: 03 out. 2024.

ÀRIES, Philippe. A História social da criança e da família. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1978. Disponível em: http://bit.do/e5qj6. Acesso em: 03 out. 2024.

ANDRÉ, Tâmara Cardoso. Literatura Infantil: Práticas adequadas ajudam a despertar o gosto pela literatura. Revista do Professor, Porto Alegre, n.78, p. 18-21, 2004.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Editora Edições 70, 2006.

BARRETO, Lilian Bertelli. A Importância da literatura infantil na formação de alunos leitores. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia -Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, 2019.

BOURDIEU, Pierre. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, Brasília, DF, dez 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm . Acesso em: 03 out 2024.

_____. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

GREGORIN FILHO, J. N. Literatura Infantil: Múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2009.

KOCH, Ingedore Vilhaça. O texto e a construção dos sentidos. 5ª ed. – São Paulo: Contexto, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e letramento como práticas sociais. Luiz Antônio Marcuschi. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.
SILVA, Márcia Cabral da. Uma história da formação do leitor no Brasil. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos, 2004. 5 f. - Curso de Educação, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2004.

SOARES, Magda. Desafios da Educação. A alfabetização e o letramento no Brasil, segundo Soares, [s. l.], 22 ago. 2019. Disponível em: https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/alfabetizacao-letramento/. Acesso em: 6 out. 2024.

SOARES, Magda. Letramento: um tema três gêneros. 4ed. Belo Horizonte: Autêntico, 2010.